Apresentação

No dia 07 de dezembro de 1962, o escritor Lúcio Cardoso, com 50 anos, em pleno vigor intelectual, sofre um grave AVC que paralisa todo o seu lado direito, privando-o, ainda, da fala e da escrita. Para quem conhecia esse artista, em sua relação diária com a atividade escritural, envolvido também com teatro e cinema, era inconcebível imaginá-lo destituído do trabalho artístico, principalmente literário. Lúcio Cardoso não resistiria a uma vida tão limitada. Mas ele resistiu àquela nova condição durante seis anos, vivendo a experiência-limite da impossibilidade de criação literária e da iminência da morte.

Lúcio Cardoso era dono de energia extrema e contagiante e, embora seja reconhecido como grande romancista, sua biografia aparece rica de acontecimentos e incursões em diversas áreas culturais. Era também um artista de posições claras, e, às vezes, polêmicas, “Não era dos que despertasse indiferença, antes, pelo contrário, parecia avivar sentimentos extremados. Daí que muitos textos escritos sobre ele tenham vindo à luz marcados pela paixão por que se deixavam levar tanto os que queriam criticá-lo quanto os que desejavam defendê-lo” (SANTOS, 2001, p. 19).

Ante esta vida passional, irrequieta e criativa, é impossível para qualquer leitor não se perguntar como viveu o escritor durante o período da doença. Nesse sentido, a proposta deste estudo é conhecer a trajetória de vida de Lúcio Cardoso a partir do AVC, acompanhando seu processo de busca pela reabilitação e pela permanência no caminho das artes.

Em primeira mão, pode-se afirmar que tal momento da vida do escritor não foi uma discrepância, ao contrário, foi um processo e uma proposta cruel de continuidade. Lúcio Cardoso viveu de experimentações densas e intensas, sempre marcadas por recomeços. O acidente cerebral foi, portanto, mais um momento de experiência-limite do escritor que não soube o significado da palavra contentamento.

Para Maurice Blanchot, “a experiência-limite é a resposta que encontra o homem quando decidiu se pôr radicalmente em questão” (BLANCHOT, 2007, p.185). E o homem que se põe em questão faz isso porque não se detém em sua suficiência e não sai da busca. “A experiência-limite é a experiência daquilo que existe fora de tudo, quando o tudo exclui todo o exterior, daquilo que falta alcançar, quando tudo está alcançado, e que falta conhecer, quando tudo é conhecido: o próprio inacessível, o próprio desconhecido” (p.187). Ora, com base na definição de Blanchot, pode-se afirmar que Lúcio Cardoso foi um homem que viveu em constante estado de limite. Na busca curiosa pelo sentido de vida e de morte, experimentou, na realidade e na ficção dos seus livros, o frêmito de paixões carnis e religiosas, o conflito de estar na liberdade e na culpa, o desejo de confrontar as possibilidades da vida e arriscar-se para além do possível. “Não existo no pleno, e sim no que carece. Assim a melodia se concebe e vibra, ao longo de uma existência que jamais sacia o meu desejo de variedade” (CARDOSO, 1970, p. 23). Portanto, o ponto de que ele teve de partir ao ser surpreendido pelo AVC era o de um estado que já conhecia: o da inquietude; naquele momento, porém, lançado ao encontro radical com a doença – clímax da experiência-limite. Esta foi uma resposta clara para quem não se deteve e se debateu o tempo todo, colocando-se sempre “em xeque”, consumindo-se em ser. Afinal, “de que adoecemos nós, todos que estamos doentes? De impaciência de viver” (p. 300).

E, como a experiência-limite excede o caminho da possibilidade e desconhece o sentido de “acabado”, o escritor não encontra a saída porque para a experiência-limite não há saída. Ela é “sem suficiência, e apenas tal que libera de seu sentido o conjunto das possibilidades humanas e todo saber, toda fala, todo silêncio e todo fim e até esse poder morrer de que tiramos nossas últimas verdades” (BLANCHOT, 2007, 191). Por isso, o escritor recomeçou um outro ciclo de busca e encontro, teve de explorar e conhecer, pôr-se em questão com a doença, já que não sabia optar pelo descanso. A experiência “abre no ser acabado um ínfimo interstício por onde tudo o que é deixa-se repentinamente transbordar e depor por um acréscimo que escapa e excede. Excedente estranho. Que é esse excesso que faz com que o acabamento seja ainda e sempre inacabado?” (p. 190). Para Blanchot, seguindo Bataille, isso está no campo do *impossível*, ou seja, a possibilidade não é a única dimensão de nossa existência, há o caminho que

escapa, que é o da impossibilidade, caminho ao qual o homem da paixão se apresenta e que é interminável, sempre fora do alcance. Lúcio Cardoso parte, então, de onde sempre esteve para conviver com o AVC, de seu embate diário, de sua experiência-limite com a vida, na busca pelo inacessível.

Quando retorna do quadro de coma, no qual permaneceu durante dias, nada mais lhe pareceu familiar: lápis, papel, muito menos a articulação das palavras. Difícil imaginar um escritor de renome, desde cedo prestigiado pela crítica, com uma produção considerável, na etapa de amadurecimento de seu ofício, ter uma carreira irremediavelmente suspensa. Mas, se para os olhos dos outros, restaria a biografia do escritor que deixou uma obra inacabada em consequência de um derrame cerebral, o artista não havia se rompido dentro dele. E, na medida em que reconhecia, mesmo na doença, sua energia excedente, iniciava uma caminhada extremamente lenta, para não abrir mão da escrita.

Ora, porque o ato de escrever para Lúcio Cardoso era mais do que ferramenta ou meio de expressão, era movimento compartilhado com a própria vida, era uma forma sua de dialogar com o mundo. “Não sei o que me une a este caderno – aqui estou de novo, aprisionado às suas páginas. Escrever nele torna-se um hábito que, na minha constante dispersão, considero de grande utilidade” (CARDOSO, 1970, p.84). Era um diarista, um escritor de inquietações humanas, de reflexões sobre a vida e os sentimentos e não poderia deixar de registrar cada passo de sua atividade pensante. Mesmo sendo o ordinário a base do diário, como deixar de dizer o extraordinário? Talvez esta tenha sido a situação mais difícil, pois se em todo o tempo da doença insistiu em lutar com o intuito de concluir *O Viajante*, livro que o acompanhava há anos, foi durante todo o tempo da doença que empilhou papéis, rascunhos, tentativas de escrita procurando exprimir o que via e sentia.

Lúcio tinha a sede da escrita, tinha a escrita como meio de existência, de conhecimento. “Não, não é verdade (...) que o fim da arte (de escrever) é nos tornar melhores... Não é por isso que escrevemos. O motivo justo é que devemos nos desvendar, pois só conhecendo totalmente o homem, é possível a ele ser melhor” (CARDOSO, 1970; p.261). A escrita denuncia, mostra, registra, assegura mudanças: “Não sei quem inventou o diário íntimo, que alma tocada pela danação e pelo desespero efêmero – sei apenas que relendo páginas de meses atrás, senti-me com o coração pesado que não pude continuar. Ah, como mudamos e como

mudamos depressa!”(p. 59). Escrever e viver, perceber a vida pela escrita, “escrever muda-nos. Não escrevemos segundo o que somos; somos segundo o que escrevemos. (...) Todo trabalho nos transforma, toda ação realizada por nós é ação sobre nós” (BLANCHOT, 1987, p.86).

Além disso, a escrita protege e valoriza os dias comuns, pois “aquele que nada faz de sua vida escreve que nada faz, e eis, apesar de tudo, algo feito” (BLANCHOT, 2005, p. 274), com isso, um diário é uma espécie de autopreservação e a escrita torna-se uma terrível responsabilidade.

Preso à ilusão de uma escrita simples e livre, o diário envolve complexidades. Em primeiro lugar, pela verdade apresentada, considerada sempre questionável; depois, pela importância que possui uma narração de histórias corriqueiras, reflexões pessoais. Mas, para o autor, essas complexidades parecem secundárias, pois o seu compromisso maior é com a escrita que garante, na retomada dos registros diários, o contato consigo mesmo. Ela lhe dá ainda a estranha convicção de que pode se observar e conhecer. “Escreve-se para salvar a escrita, para salvar sua vida pela escrita, para salvar seu pequeno eu ou para salvar seu grande eu, dando-lhe um pouco de ar” (p. 274).

Por isso, o autor de diário escreve pela necessidade, sem preocupação de relatar a verdade. Ele se propõe ao trabalho de criar uma identidade narrativa e, como afirma Lejeune, ao tentar ver-se melhor pela escrita, continua a criar-se, passa a limpo os rascunhos da sua identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los, mas não se trata de uma brincadeira gratuita; “pelo contrário, ao tomar a senda da narrativa é fiel à sua verdade, pois todos os homens que andam na rua são homens-narrativa, e é por isso que se agüentam em pé” (LEJEUNE, 2007p. 41). A escrita, portanto, apresenta-se mais como um jogo necessário à potência de vida.

No caso de Lúcio, com o acidente vascular cerebral, essa força se rompe, e um diário que parece tão livre na forma, tão preso à insignificância, apresenta a sua armadilha. Como afirma Blanchot, essa armadilha é a de que ele deve respeitar o calendário. Esse é o pacto que o diário assina. O calendário é o seu demônio. Mas a escrita que salva e altera os dias não se apresenta. Como, então, conviver com a ausência de algo tão vital? Lúcio sabia bem que “o que se escreve se enraíza” (BLANCHOT, 2005, p.270). Era necessário contar o extraordinário. A palavra seria salvaguarda, protegeria a subjetividade ameaçada pela degradação,

pela devastação que a doença provocou em seu cérebro. E a escrita já é mais do que isso, ela se impõe a ele, pois não se trata somente da escrita que se põe a serviço da palavra ou do pensamento, é a que tem força própria, que se consagra a si mesma, que precisa ir além do possível, precisa dizer tudo.

Apresentar na escrita a maneira pela qual ele se apresentava. Escrever, portanto, é sua forma de procura, seu método de viver a experiência-limite, tornando-se a busca da saúde. Como afirma Deleuze, em *Crítica e Clínica*, “é um caso de devir sempre inacabado, sempre em via de fazer-se...” (DELEUZE, 1997 p.11). E o escritor precisa escrever para resistir, para respirar:

o escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. O mundo é um conjunto de sintomas cuja doença se confunde com o homem. (...) A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde, não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro (...) mas ele goza de uma frágil saúde irresistível que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis... (p.14).

Era necessário expressar-se, reinventar-se pela escrita, mas o corpo do escritor, afetado pelo AVC, não respondia às necessidades. Na verdade, o corpo que, desde sempre, sofre afecções, sujeitado aos padrões e normas culturais, forçado a submeter-se às imposições do exterior, Lúcio Cardoso já conhecia melhor do que ninguém. Corpo potente, espírito aventureiro, quebrando paradigmas morais, aliado ao grande mal-estar do pecado e da culpa herdados pela tradição mineira católica, já fazia reverberar uma escrita inquieta e reflexiva, escrita-respiração, escrita-pele, extremamente corporal, principalmente no seu diário. Era agora o corpo afetado pelo AVC que exigia a potencialidade do seu agente para romper uma nova escrita-corpo, uma produção das marcas, escrita com carne e sangue, salvaguarda daquela história.

Assim, imerso em uma condição considerada infértil para a escrita literária, Lúcio Cardoso produziu inúmeros esboços de textos, escrita em detritos¹ em folhas avulsas e blocos, marcas que expressam as conseqüências limitadoras da doença, traços nascidos da mão esquerda, do esforço e da potência do corpo.

Os seus detritos de escrita ganham os ritmos do corpo, corpo tornado expressivo materialmente através da escrita, tal como proclamava Artaud que um

---

¹ DETRITO é o resíduo de uma substância, aquilo que restou. O termo “escrita em detritos”, usado na tese, fará referência aos resíduos da escrita fluente de Lúcio Cardoso, após o AVC.

verdadeiro texto é o que recusa a teatralidade dos símbolos e dos simulacros, que rompe a máscara da cultura. A tinta dessa escrita se encontra no líquido da carne, isenta da mediação de um intelecto e dependente da fisiologia do escritor. O diarista queria escrever até a morte, escrever sua própria morte.

E não foi só em folhas esparsas que conseguiu expressar o seu devir. Conseguiu, principalmente, trazer à tona uma outra expressão artística que, mesmo já exercitando esporadicamente, expandiu a partir da nova condição. Lúcio Cardoso começou a pintar quadros, pintava com os dedos e, mais tarde, depois de maior controle manual, passou a usar também os pincéis. Sua pintura explodia em cores e traços, expressão de uma escrita possível, comunicação de artista. Nesse ofício, Lúcio se expôs aos outros, à crítica, mostrou a sua debilidade e a sua verdade. Não houve quem não se emocionasse com tal gesto, antes, realizado para ele mesmo, pela sua deliberação de artista, depois pela sua necessidade de reconhecimento, de estar no seu meio, envolvido com a arte.

Mas o período em que viveu com a doença, provavelmente, não teria deixado um registro tão forte e eloqüente se não fosse a parceria com a irmã e escritora Maria Helena Cardoso. Por acreditar na potencialidade do irmão, dedicou-se de maneira obsessiva ao seu restabelecimento e à sua carreira artística, num cuidado contínuo, misturando seus desejos aos dele e rompendo sua vida própria para sonhar os sonhos do escritor. Mais tarde, no seu livro de memórias *Vida-Vida*, Maria Helena narra a relação que construiu com o irmão; aí está perceptível o preço do cuidado, a mistura de amor e de dor no transcurso de uma experiência-limite.

Este estudo traz, através de caminhos tortuosos e em contraponto à canonicidade da obra do autor, uma reflexão sobre a vida artística e a escrita de Lúcio Cardoso após o acidente vascular cerebral. Resgata o escritor “barroco”, “o andarilho do beira abismo”, o “autor das dobras e fragmentos da memória” na exposição dos traços de uma escrita feita com as ruínas do próprio corpo, escrita-limite da experiência corporal - reflexão feita a partir dos restos da voz, dos detritos de escrita em folhas de cadernos e blocos, do surgimento potente de sua pintura, da sua relação com o livro inacabado *O Viajante* e do pacto fraterno de cumplicidade e cuidado feito com a escritora Maria Helena Cardoso.

Na obrigação de continuar sua história, Lúcio Cardoso reuniu forças contra a impossibilidade provocada pela doença. Decidiu exibí-la e, nas marcas do

movimento do corpo gravadas no papel, buscou o impossível, o caminho fora de alcance. Trazer à tona tal experiência fica como uma prestação de serviço ao escritor que sempre se expôs. Provavelmente, Lúcio Cardoso desejaria mostrar publicamente essa escrita em detritos – espantoso diário que o autor, em respeito ao calendário, na sua intimidade, não deixou de fazer. Que hoje, Lúcio use o cuidado de outro para o serviço de mostrar a sua experiência, sua escrita-afásica, cheia de lacunas e perdas, cheia de sentido e verdade.